

CONEXÃO COM A NATUREZA: COGNIÇÃO E AFETIVIDADE EM CRIANÇAS PEQUENAS

Everton da Silva MARQUES¹
Maria Inês Gasparetto HIGUCHI²

¹Bolsista Iniciação Científica do INPA/FAPEAM;
²Pesquisadora - orientadora LAPSEA/CSAS/INPA.

INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos que estão empenhados em elucidar o comportamento humano na produção dos problemas ambientais atuais, mas é necessário que se mostre também aspectos do comportamento humano que nos indiquem possibilidades de ações de proteção e cuidado ambiental. Entender tais variáveis que evocam comportamentos pró-ambientais na dimensão afetiva, podem ajudar na promoção de ações educativas em busca da sustentabilidade. A dimensão afetiva é altamente reconhecida como partícipe importante na compreensão do compromisso ambiental. Evidências empíricas têm identificado um alto poder preditivo da ligação emocional com a natureza no que se refere aos comportamentos pró-ambientais. Estudos enfatizam que tal ligação afetiva está relacionada fortemente com as vivências passadas ou presentes em ambientes naturais, o contexto físico e social em que o indivíduo está inserido (Castro 2005; Chawla 2007; Cheng e Monroe 2012).

A afinidade emocional com a natureza é, pois, um componente que necessita ser considerado ao avaliarmos o comportamento das pessoas com o ambiente. Nessa direção aponta-se o construto “Conexão com a Natureza” (CN) como um pressuposto que nos auxilia a compreender essa afinidade. Esse termo passou a ser utilizado para caracterizar a ligação ou afinidade emocional das pessoas com o mundo natural, ou quanto se sente parte integrante da natureza. A condição afetiva tem sido um aspecto importante no comportamento das pessoas em relação ao mundo natural, de tal forma que quanto maior for a “conexão” que uma pessoa tiver maior é a possibilidade de essa pessoa demonstrar seu compromisso e comportamento de preservação do mesmo (Schultz 2001; 2002; Mayer e Frantz 2004; Schultz e Tabanico 2007; Nisbet, Zelenski e Murphy 2009).

A meta deste estudo foi continuar os estudos desenvolvidos no Lapsea direcionados à compreensão dos aspectos constitutivos do comportamento pró-ambiental no campo socioafetivo, em particular da Conexão para com a Natureza, entre crianças pequenas. Ao incluir as crianças estamos tentando não apenas compreender como as crianças compreendem a natureza, mas como a estão vivenciando afetivamente. Tais experiências podem elucidar aspectos de maior apropriação e afinidade para com a natureza.

O objetivo central desse trabalho foi analisar aspectos cognitivos e afetivos que as crianças têm em relação à natureza e seus elementos constituintes.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa de abordagem descritiva e exploratória foi realizada com alunos a partir de 4 e 5 anos de idade com uso da entrevista clínica piagetiana, própria para o acesso aos modos de pensar e sentir no universo infantil (Delval 2002). Nesse estudo, utilizamos uma versão adaptada do Método Clínico de Piaget, o qual consiste na intervenção sistemática do experimentador em resposta à atuação e respostas dadas pela criança de modo a esclarecer o que a criança disse. Esse processo tem a finalidade de desvelar o significado e os caminhos que segue seu pensamento, se utilizando tanto da linguagem quanto de objetos que possam contribuir nessa investigação.

A entrevista clínica foi realizada com uso de cartões contendo desenhos esquemáticos que serviam de estímulo para trazer o foco do pensamento sobre a categoria analítica socialmente convencional de natureza. As figuras representativas foram elaboradas, organizadas e agrupadas de acordo com o princípio da teoria da Gestalt, que propõe que a percepção que temos dos estímulos é mediada pela forma como interpretamos o conteúdo percebido. Se o conteúdo percebido não segue princípios como simetria, regularidade, proximidade, semelhança entre outros não temos uma boa forma do conteúdo percebido surge então uma tendência para dar fechamento ao fenômeno percebido (Bock et al., 2001).

Sendo assim, as figuras retratam (1) um lugar onde se vê vegetação intensa com ou sem animais; (2) outra com muita vegetação, mas sem animais à vista; (3) outra mostra um lugar com moradia e arborizado, (3) um conjunto de figuras com animais silvestres, (4) um lugar urbanizado com resquício da natureza; (5) figuras com objetos identificando equipamentos e móveis; (6) figuras com frutas e legumes, As figuras 1, 2 e 4 retratam a natureza de forma contextualizada, onde seus

elementos representativos como árvores, flores, animais etc., não estão isolados de seu contexto. As figuras 3, 5 e 6 se apresentam de forma oposta ou na forma de objetos, encontramos seus elementos representativos isolados de seus contextos. Em ambos os agrupamentos há uma figura em que a presença de natureza se encontra de forma transformada como nas figuras 4 e 5. Tais aspectos foram considerados no intuito de estimular a elaboração mental das crianças quanto ao seu entendimento de natureza e o que considera para caracterizar sua escolha como sendo mais representativa da natureza. Após o teste piloto escolhe-se 6 cartões que melhor atendiam aos objetivos propostos (Figura 1).

Figura 1: Cartões com desenhos esquemáticos sobre natureza apresentados às crianças



As entrevistas foram gravadas e em seguida inseridas em uma planilha Excel para análise de acordo com o método clínico proposto por Delval (2002). A idade das crianças foi informada pela própria escola e inserida na planilha. As entrevistas realizadas com o consentimento de gestores, pais e participantes se deram na brinquedoteca da escola, e tiveram duração média de 15 minutos. Nesta pesquisa foram entrevistados 30 alunos (M=20; F=10), de 04 a 05 anos de idade, regularmente matriculados numa escola Municipal de Ensino Infantil da cidade de Manaus-AM.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados estão organizados em duas sessões, a primeira se refere aos aspectos cognitivos sobre a natureza e a segunda sobre a afetividade expressa sobre as áreas representativas da natureza.

Entendimento sobre Natureza: Constatou-se que a grande maioria (87%) das crianças considerou as figuras 1, 2 e 3, como aquela que melhor representava seu entendimento sobre natureza (paisagem e fauna silvestre); já 13% considerou as figuras, 4,5 e 6.

Os resultados permitem inferir que as crianças, mesmo a maioria escolhendo a paisagem silvestre, misturam sobremaneira fantasia com realidade e raramente sabendo dizer porque esta seria a mais representativa da natureza. A criança reconhece aspectos mínimos do que seja natureza, mas não sabe precisar seu conjunto. Apesar de escolher uma determinada figura como a que melhor condiz com natureza, parece não fazer referência em contraposição com as demais que não foram escolhidas. Não há um dispositivo relacional de sua resposta com as demais figuras que teriam uma “natureza” reduzida ou ausente. As respostas são isoladas, sem referências específicas contidas na figura que diz representar a natureza ou sobre a natureza “real”.

As narrativas produzidas a partir das figuras nos permitiram verificar definições de natureza presentes nestas crianças. Pela limitação da faixa-etária (4 e 5 anos), não é possível fazer um estudo aprofundado sobre as diferenças entre as explicações dadas, mas é possível verificar indícios de uma ordem nas explicações. O pensamento manifesto pelas crianças constitui resquícios de uma hierarquia e sequencia de ideias, que ainda não ficam muito claros. No caso das crianças participantes dessa pesquisa constatou-se que as explicações são bastante indiferenciadas próprias de um Estágio¹Pré-Categorial, isto é, lhes faltam clareza de entendimento do que seja natureza e como esta pode ser representada. As explicações são ainda intuitivas, onde predomina uma confusão sobre a “categoria natureza” e os elementos que a constituem, ora fantasiando ou incluindo fabulação (respostas ao acaso, inventadas na hora). Mesmo

¹ Estágios: são tipos de explicações próprias daquele momento de desenvolvimento que segue uma ordem imutável, embora o estágio anterior seja absorvido ou incorporado ao seguinte. Há razões empíricas e teóricas que deve embasar tal sucessão. Resultado de análise mais complexa do que complexas que meras categorias (Delval, 2002).

nessa pré-categoria há formas diferenciadas de organização do pensamento, que permitem estabelecer níveis² de compreensão sobre natureza. Nesse sentido, há traços gerais de semelhança contida em cada tipo. Não há, porém, como afirmar categoricamente se há uma ordem de sucessão neles, ou se são apenas tipos de respostas que encontramos. Também não é nosso propósito estabelecer exemplos paradigmáticos dos tipos ou níveis aqui encontrados.

- a) Natureza é um apanhado de elementos específicos não humanos e que têm alguma associação na vida dos humanos, que aparece numa associada a alguém ou algo, sem precisar de forma lógica essa associação. Ora pode ser um lugar que tem animais, ora um lugar que tem vegetação, ou ainda, o bicho ou uma planta ser a própria natureza. Há uma mistura de fantasia junto com realidade.
“Os animais bebem água, dormem, quando fica de noite eles dormem ai depois acordam para procurar comida, eles caçam. A natureza é importante porque os animais vão beber água, se não eles ficam como o peixe está, e precisa de alimentos. Minha mãe sempre faz jantar na hora, na hora quando eu for dormir, eu durmo e eu venho para escola.” (M, 5 anos).
- b) Cita bichos ou plantas ou coletivos sem esclarecer como esses elementos se juntam no que seria natureza.
“Porque a natureza tem um jacaré, um macaco e um peixe, um mosquito e um sapo. E tem ... o papagaio na arvore e os peixes”. (M, 5 anos)
- c) Especifica um lugar constituído com elementos individuais e coletivos que só ocorre nesse lugar que é diferente dos lugares que não são natureza, no entanto é um realismo ainda primitivo, não há muita clareza.
“O tatu, o papagaio e o peixe e a flor. A floresta e o sol e o céu. África, porque essa é a África... Porque as crianças moram na natureza. A criança mora na natureza.” (M, 5 anos).
- d) Ainda há aqueles que não “notificam” a “natureza”, isto é, parece não fazer sentido falar em natureza. Observam uma figura e dela surge um tópico diferenciado, cuja escolha pode até ser devido ao estímulo, mas ao explicar sobre o que supostamente seria natureza, há um desmembramento entre a “categoria” e o argumento racional.
“Porque ele é bom. É pepino. Porque ele é igualzinho a banana. Porque pepino é bom.” (F, 5 anos).

Observamos aqui o que Piaget (2005) nos levou a entender sobre o processo de formação da representação do mundo, como organizamos as categorias que formam a realidade com a qual estamos e vamos nos comunicar e experimentar. Ao estudarmos as crianças é possível verificar esse início da compreensão e o processo mental que está associado formação do conhecimento do mundo real/físico, que há uma certa organização mental crescente.

Seguindo uma perspectiva da epistemologia genética preconizada por Jean Piaget (2005 [1947]) e Vigotski (2007 [1934]), a formação de categorias para organizar a realidade depende de critérios que aplicamos. Esses critérios vão gradativamente se modificando a partir das vivências e elaborações mentais do indivíduo. As categorias são possíveis de serem acessadas a partir das explicações enunciadas, as quais estão ancoradas na intencionalidade das ações cotidianas, representações mentais e previsões do que vai ocorrer (Delval 2002). As explicações podem ter diferentes graus de profundidade e amplitude. Explicar significa dirigir uma atenção mais focada sobre o que não está claro, e assim, construir modelos adequados de entendimento como os diferentes fenômenos à nossa volta ocorrem, e também permite que saibamos prever como as coisas acontecerão mediante determinadas circunstâncias. Isso tudo está subjacente à ordem que damos ao mundo em que estamos inseridos.

Sentimentos relativos à natureza: Ao escolherem o cartão sobre o lugar que mais se sentiriam felizes em estar, a Figura 4 foi escolhida pela maioria das crianças (67%), a Figura 2 foi escolhida por 23% e a Figura 1 por 10%.

A Figura 4 reflete um sentimento de satisfação e alegria feita a partir da identificação dos objetos do espaço de moradia (casas, porta, rua, placa, carros etc.) e as possibilidades que tanto o local quanto os objetos oferecem (morar, brincar, comprar coisas, andar de carro e moto, assistir desenho etc. Sendo assim, então é fato que escolha da cidade como local que proporciona um sentimento de felicidade às crianças esteja ligado às suas experiências e ao seu convívio nesse espaço. *“Porque a cidade é linda. Tem casa, tem carro e tem moto. Dá para andar de carro e andar de moto”. (M, 5 anos)*

A escolha da Figura 2 é feita a partir da definição do local, o que tem nele e o que se pode fazer, seja concretamente ou imaginada e que faça sentido para criança. *“Porque eu gosto. Me sente bem. Os animais gostam de mim. Eu cheguei lá, aí eu conheço todos os animais lá...Aí eu cheguei perto dos animais, aí os animais correram para o rio...porque o lobo assustou eles...ele estava lá atrás da árvore”. (M, 4 anos).*

A escolha da Figura 1 é feita a partir de associações entre uma experiência vivenciada com algo relativo à natureza e a paisagem como algo, que mesmo distante, considera ter sido uma experiência feliz onde teve a possibilidade de ver animais e brincar nesse espaço. *“Porque o número 1, o meu pai, a gente eu e minha mãe e meu pai, eu e o meu primo, fomos passear de barco, a gente pescou lá. Aí a gente pescou um peixe. Eu me senti feliz eu. A gente parou e a gente tava tomando banho no lago... eu e minha irmã, eu e meu primo. Aí depois meu pai foi pegar uma minhoca e a gente pescou”. (M, 5 anos).*

Tais resultados nos permitem deduzir que a proximidade dessas crianças com o espaço onde convivem, as experiências que vivenciam nele e o que este espaço lhes proporciona, faz com que tendam a desenvolver um sentimento positivo, um

² Níveis preconizam uma ordem de sucessão dos tipos de explicações apresentadas, uma hierarquia e uma sequência (Delval, 2002).

lugar em que se sentiriam mais felizes. Ou seja, constatou-se a saliência do sentimento de pertença, do conhecido e do apego ao lugar, mostrando que a natureza em si sem uma vivência, não possui tais aspectos de afetividade tão intensos, e, portanto, a conduzem ao distanciamento (Louv 2016). No entanto, dependendo do que se fez nos espaços naturais permanece como algo valorizado que permite a construção de uma maior conexão com a natureza.

CONCLUSÃO

Quando falamos em entendimentos sobre a realidade, nos embasamos no pensamento científico que estabelece a formação de categorias. Categorias ou conceitos, se configuram como estrutura comuns nas respostas do sujeito sobre determinado aspecto do mundo físico ou mental. Segundo Delval (2002) os conceitos que a criança maneja para explicar uma dada realidade é diferente dos que os adultos utilizam. Pode-se dizer que são mais simples, mas sobretudo diferente pelas relações com outros conceitos/categorias. Quanto menor for a criança, menos explícitos são esses conceitos, por isso objetos, fotografias ou desenhos auxiliam nesse processo para acessar as explicações feitas. A explicação dada pela criança em diferentes momentos de seu desenvolvimento pode nos dar indícios de como tais explicações vão se modificando e se sucedendo as outras. Não se pode dizer como isso acontece, mas apenas indicar tal mudança.

As definições de natureza exigiram das crianças uma elaboração estimulada pela figura apresentada e a imagem mental do que sugere ser natureza, seja espontaneamente ou de forma compartilhada com os outros. Já os sentimentos manifestados remeteram às efetivas vivências, ou seja, a presença da criança naquele e com aquele espaço. Ao apresentar um entendimento diferenciado ao sentimento evocado constata-se a importância de estimular a conexão com a natureza em crianças pequenas para a formação de comportamentos de proteção, cuidado, respeito à natureza. Ainda que, esse tipo de entendimento cognitivo seja condizente com a faixa etária das crianças, a natureza é vista como um lugar intocável, misterioso e como sendo a moradia dos animais. A narrativa das crianças evidencia ainda a natureza como sendo de poucas possibilidades, inclusive de lazer, onde se pode passear ou brincar de forma muito restrita, cuja importância da mesma para as crianças tem relação apenas no que diz respeito a sobrevivência dos animais.

REFERÊNCIAS

- Bock, A.M.B.; Furtado, O.; Teixeira, M.L.T. 2001. *Psicologias – Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Ed. Saraiva.
- Castro, P. 2005. Crenças e atitudes em relação ao ambiente e à natureza. In: SOCZKA, L. (org.). *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 169-201.
- Cheng, J.C.H; Monroe, M. 2012. Connection to nature: Children's affective attitudes toward nature. *Environment and Behaviour*, 44: 31-49.
- Chawla, L. 2007. Childhood experiences associated with care for the natural world: A theoretical framework for empirical results. *Children, Youth and Environments*, 17: 144-170.
- Delval, J. 2002. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.
- Louv, R. 2016. *A última criança na floresta-Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. 1º ed. São Paulo: Aquariana.
- Mayer F.S.; Frantz C.M. 2004. The connectedness to nature scale: a measure of individuals' feeling in community with nature. *Journal Environmental Psychology*, 24, 503–515;
- Nisbet E.K.; Zelenski J.M.; Murphy S.A. 2009. The nature relatedness scale: linking individuals' connection with nature to environmental concern and behavior. *Environment and Behavior*. 41, 715–740.
- Piaget, J. 2005 [1947]. *A representação do mundo na criança*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Schultz, P.W. 2001. The Structure of Environmental Concern: concern for self, other people, and the biosphere. *The Journal of Environmental Psychology*, 21: 327-329.
- Schultz, P.W. 2002. Inclusion with nature: The psychology of human-nature relations. In P. Schumuck e W.P. Shultz (Eds.), *Psychology of sustainable development*. Boston, MA: Kluwer Academic Publisher, p: 61-78.
- Schultz P.W.; Tabanico J. 2007. Self, identity, and the natural environment: exploring implicit connection with nature. *Journal of Applied Social Psychology*, 37, 1219–1247.
- Vigotski, LS. 2007 [1934]. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.